

DESCONSTRUINDO AS GÓRGONAS: O MITO DE MEDUSA E A OPRESSÃO DO EROTISMO FEMININO

DECONSTRUCTING THE GORGONS: THE MYTH OF MEDUSA AND THE OPPRESSION OF FEMALE EROTICISM

Lilian Prazeres Alves Bezerra

<https://orcid.org/0009-0000-3134-1383>

Universidade Federal de Campina Grande

lilyalves64@gmail.com

Viviane Moraes de Caldas

<https://orcid.org/0000-0002-8898-2568>

Universidade Federal de Campina Grande

viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

Resumo: A mitologia grega está repleta de figuras femininas cujo simbolismo vai além das histórias contadas. Entre essas, as Górgonas (Medusa, Euríale e Esteno) são figuras que carregam interpretações complexas ligadas à feminilidade, ao poder e à repressão. As Górgonas, em especial Medusa, são conhecidas por sua aparência aterrorizante e capacidade de transformar os homens em pedra, e têm sido interpretadas ao longo dos séculos como representações do erotismo reprimido e das ansiedades patriarcais em relação à autonomia e sexualidade feminina. Neste estudo, discute-se como essas figuras mitológicas são interpretadas por meio de uma lente patriarcal que reprime e demoniza a sexualidade feminina, ao mesmo tempo em que reflete ansiedades culturais em torno do poder feminino e da autonomia. A análise se fundamentará na desconstrução do mito e na interpretação simbólica dessas personagens como manifestações da opressão e do medo do patriarcado em relação ao erotismo feminino. Para isso, Bourdieu (2012), Saffioti (2015) e Foucault (2001; 2021) nos auxiliarão na discussão sobre relações de poder e patriarcado; Beauvoir (1970) e Robles (2019) lançarão luz sobre as questões de gênero; e Bataille (1987) fundamentará a análise sobre o erotismo.

Palavras-chave: Mitologia grega. Górgonas. Medusa. Patriarcado. Erotismo feminino.

Abstract: Greek mythology is full of female figures whose symbolism goes beyond the stories they tell. Among these, the Gorgons (Medusa, Eurylale and Stene) are figures that carry complex interpretations linked to femininity, power and repression. The Gorgons, especially Medusa, are known for their terrifying appearance and ability to turn men into stone, and have been interpreted over the centuries as representations of repressed eroticism and patriarchal anxieties about female autonomy and sexuality. This study discusses how these mythological figures are interpreted through a patriarchal lens that represses and demonizes female sexuality, while at the same time reflecting cultural anxieties about female power and autonomy. The analysis will be based on the deconstruction of the myth and the symbolic interpretation of these characters as manifestations of the patriarchy's oppression and fear of female eroticism. To this end, Bourdieu (2012), Saffioti (2015) and Foucault (2001; 2021) will help us discuss power relations and patriarchy; Beauvoir (1970) and Robles (2019) will shed light on gender issues; and Bataille (1987) will base the analysis on eroticism.

Keywords: Greek mythology. Gorgons. Medusa. Patriarchy. Female eroticism.

Introdução

Os mitos gregos, longe de serem meras narrativas do passado, funcionam como um espelho que reflete as complexidades da condição humana, as quais ainda ressoam na cultura contemporânea (Eliade, 2019). Nesse contexto, as divindades gregas, ao personificarem forças da natureza e aspectos da experiência humana, oferecem uma linguagem simbólica que permite a conexão com questões existenciais. Entre essas figuras, as Górgonas, e em particular Medusa, destacam-se por sua rica simbologia. Medusa, muitas vezes vista apenas como um monstro, representa um paradoxo profundo da feminilidade, unindo beleza e terror, vulnerabilidade e poder. A transformação de Medusa de uma bela donzela em uma criatura aterrorizante reflete a experiência da mulher na sociedade, frequentemente marcada pela opressão e pela objetificação.

As Górgonas, com sua aparência aterrorizante, vão além da simples figura de monstros mitológicos para se tornarem símbolos complexos das dinâmicas de gênero e das ansiedades patriarcais. Ao longo dos séculos, elas têm sido interpretadas como representações do erotismo reprimido, encarnando medos profundos sobre a sexualidade feminina e a autonomia das mulheres. Chevalier e Gheerbrant (2021)¹ argumentam que cada uma das Górgonas — Medusa, Euríale e Esteno — representam uma personificação das deformações da psique humana, refletindo conflitos internos e sociais que permeiam a existência.

Medusa, com sua cabeça de serpentes e aparência aterrorizante, simboliza o princípio espiritual que deveria ser evolutivo, mas que, sob a pressão das normas sociais e das expectativas de gênero, se transforma em uma "estagnação duvidosa". Essa estagnação pode ser vista como um reflexo das dificuldades enfrentadas por mulheres que, ao tentarem expressar sua espiritualidade e autonomia, encontram resistência e repressão. A imagem de Medusa sugere que, ao invés de florescer, seu potencial é distorcido e malignizado, refletindo a luta entre o desejo de transcendência e as limitações impostas pela sociedade patriarcal.

Euríale, representando a perversão sexual, evoca as ansiedades em torno da sexualidade feminina. Sua presença indica como o desejo, quando não controlado, é frequentemente rotulado como monstruoso, reforçando estigmas em torno da sexualidade das mulheres. Essa perspectiva ressalta o medo que a sexualidade feminina provoca nas estruturas sociais dominantes, que tentam moldá-la e reprimí-la para manter a ordem.

Esteno, por sua vez, simboliza a perversão social, representando as dinâmicas de poder e controle que permeiam as interações humanas. Sua figura sugere a maneira como a sociabilidade, quando corrompida, pode se tornar um instrumento de opressão, refletindo as dificuldades das mulheres em encontrar espaço e voz em um mundo que, muitas vezes, as marginaliza.

Neste artigo, propõe-se examinar como o patriarcado moldou a imagem das Górgonas, especialmente Medusa, e como o erotismo e o medo da sexualidade feminina são refletidos e reprimidos nesse mito. A figura de Medusa, uma jovem que é transformada em um monstro devido ao olhar masculino que a objetifica e a desumaniza, representa a metamorfose que não

¹ Três irmãs, três monstros, cabeça aureolada de serpentes enfurecidas, presas de javali saindo dos lábios, mãos de bronze, asas de ouro: Medusa, Euríale e Esteno. Simbolizam o inimigo a ser abatido. As deformações monstruosas da psique são devidas às forças pervertidas dos três impulsos: sociabilidade, sexualidade, espiritualidade. Euríale seria a perversão sexual, Esteno a perversão social; Medusa simbolizaria o princípio desses impulsos: o espiritual evolutivo, mas pervertido em "estagnação duvidosa" (Chevalier e Gheerbrant, 2021, p. 541).

é apenas uma punição física, mas também uma representação do medo patriarcal em relação à sexualidade feminina, que é vista como uma força ameaçadora que precisa ser controlada.

Ao explorar a construção da imagem de Medusa e da suas irmãs como figuras aterrorizantes, este artigo busca desvelar as narrativas que cercam a sexualidade feminina, analisando como esses mitos perpetuam estigmas e medos que ainda ressoam na sociedade contemporânea. Através dessa análise, será possível entender melhor as raízes culturais das ansiedades em torno do erotismo feminino e como elas continuam a influenciar a percepção das mulheres hoje. Essa reflexão busca não só revelar a complexidade da mitologia grega, mas também incentivar um diálogo crítico sobre as representações da feminilidade e as implicações dessas imagens nas relações de poder atuais.

1 As Górgonas: Euríale, Esteno e Medusa

Em narrativas clássicas como as de Hesíodo, as Górgonas são descritas em seus versos de forma rápida, sem descrição explícita, o que pode parecer surpreendente, dada a riqueza simbólica que essas figuras possuem. Hesíodo, em sua obra "Teogonia", menciona as Górgonas de maneira concisa, focando mais em sua genealogia e relação com outros deuses do que em detalhes sobre suas aparências ou características.

De Fórcis, Ceto gerou as Velhas de belas faces,
grisalhas de nascença, apelidam-nas Velhas
Deuses imortais e homens caminhantes da terra:
Penfredo de véu perfeito e Ênio de véu açafrao.
Gerou Górgonas que habitam além do ínclito Oceano
os confins da noite (onde as Hespérides cantoras):
Esteno, Euríale e Medusa que sofreu o funesto,
era mortal, as outras imortais e sem velhice
ambas, mas com ela deitou-se o Crina-preta²
no macio prado entre flores de primavera (*Hes., Theog.*, 274- 281)

As Górgonas, filhas das divindades marinhas Fórcis e Ceto, eram três irmãs: Medusa, a única mortal, e Euríale e Esteno, imortais. Tradicionalmente representadas como criaturas monstruosas com cabelos de serpente e um olhar que petrificava, as Górgonas são associadas ao terror e à violência (Chevalier e Gheerbrant, 2021). No entanto, essas imagens podem ser vistas também como expressões de algo mais profundo: uma resposta cultural ao erotismo feminino e sua relação com o poder e a dominação masculina.

A existência das Górgonas em um panteão dominado por figuras masculinas ressalta as dinâmicas de controle que permeiam a mitologia grega. A representação dessas criaturas como monstros serve, em última análise, para reafirmar a ordem patriarcal, na qual a expressão do erotismo feminino é vista como uma ameaça que deve ser contida. Assim, ao retratar as Górgonas como seres aterrorizantes, a cultura grega não apenas exterioriza o medo do que é feminino e sexual, mas também reforça a necessidade de subordinação dessa força à autoridade masculina.

Medusa, em particular, tornou-se a Górgona mais famosa, não apenas por sua aparência temível, mas principalmente por sua decapitação pelas mãos de Perseu e pela

² Poseidon é referido pela alcunha "Crina-preta" na obra de Hesíodo.

subsequente instrumentalização de sua cabeça como uma poderosa arma. A narrativa da personagem é descrita de forma mais detalhada nos versos das *Metamorfoses* de Ovídio,

Calou-se, porém, antes do que se esperava. Um dos nobres
toma a palavra para perguntar por que é que, das três irmãs,
apenas uma tinha serpentes misturadas com os cabelos. Responde
o estrangeiro³: “Já que perguntas coisas dignas de serem contadas,
eis a razão do que perguntas: famosa por sua beleza,
ela provocou a cobiça de muitos nobres, em toda ela
não havia parte mais digna de admiração do que os cabelos.
Encontrarei quem dissesse que a havia visto.
Consta que o Rei do Mar a desonrou num Templo de Minerva.
A filha de Júpiter⁴ voltou-se e cobriu o rosto
com a égide. E, para que o fato não ficasse impune,
mudou os cabelos da Górgona em horrendas serpentes.
Ainda agora, para aterrorizar e tolher de medo seus inimigos,
ostenta no peito as serpentes que criou (Ov., *Met.*, 789-802)

Originalmente uma bela sacerdotisa de Atena, Medusa foi violentada por Poseidon dentro do templo da deusa e, como punição, foi transformada em uma criatura horrenda, com serpentes no lugar de cabelos. Sua história reflete um ciclo de violência e dominação patriarcal, em que a vítima é não apenas transformada, mas também silenciada e objetificada. A decapitação de Medusa por Perseu, um herói masculino, perpetua essa lógica de controle, transformando o corpo da mulher em uma ferramenta de poder e subjugação. Assim, a trajetória de Medusa nos conduz a uma reflexão sobre a interseção entre erotismo e patriarcado, na qual o desejo, a violência e a objetificação feminina se entrelaçam, evidenciando como a mitologia, muitas vezes, reflete e reforça as estruturas de poder e opressão presentes na sociedade.

De forma mais contemporânea, os escritos de Noguera (2018) apresentam mais detalhes sobre sua transformação, principalmente em relação à reação da deusa Atena, perante à violência sofrida por Medusa.

Atena ouviu o relato calada, e, por alguns instantes, Medusa esperou carinho e compreensão por parte da deusa da guerra, mas esta reagiu de maneira violenta. Atena ficou indignada e usou seus poderes olímpicos para destituir Medusa de sua beleza e da condição de deusa imortal, transformando a sacerdotisa em uma figura horrenda, uma górgona. Os cabelos, outrora sedosos, viraram cobras. O desespero de Medusa foi colossal, como cabe a um mito grego. Amargurada, passou a transformar em pedra todo homem que a observasse, apenas com seu olhar. Os homens, que outrora a desejavam, passaram a temê-la (Noguera, 2018, p. 33).

Noguera (2018) argumenta que Atena, uma deusa que encarna valores patriarcais, como a racionalidade e a guerra, não confronta diretamente Poseidon, o perpetrador da violência, mas transforma Medusa, a vítima, em um ser monstruoso, deslocando o foco da punição para a mulher. Isso sugere que, mesmo deuses poderosos como Atena, que

³ Perseu, o assassino de Medusa.

⁴ Deusa Atena.

simbolizam a justiça e a sabedoria, podem, sob uma ótica patriarcal, agir em convivência com estruturas opressoras. Assim, a compreensão da tragédia de Medusa, revelam não apenas o impacto devastador da violência sexual em sua identidade, mas também o papel ambíguo e contraditório de Atena nesse processo de transformação, destacando as tensões entre solidariedade feminina e as normas patriarcais da época.

2 A negação do erotismo e do poder feminino no mito da Medusa

O mito de Medusa é rico em elementos que dialogam com a sexualidade feminina e a repressão patriarcal. O ato de transformação pode ser visto como uma metáfora da repressão sexual feminina em uma sociedade patriarcal, na qual a violação de seu corpo resulta na demonização de sua figura. O erotismo, visto sob a ótica social, é obsceno e não deve ser exposto, Bataille (1987) argumenta que “a obscenidade é repugnante, e é natural que espíritos acomodados não vejam aí nada de mais profundo que esse caráter repugnante”. É comum que estes espíritos — que são aqueles que se conformam com normas sociais e morais estabelecidas — limitem sua interpretação da obscenidade a essa primeira impressão de repugnância, sem perceber as camadas mais profundas que ela pode encerrar. A obscenidade pode ser vista não apenas como uma afronta à decência, mas também como um desafio aos padrões convencionais de comportamento e um questionamento das estruturas de poder, moralidade e autoridade que moldam a sociedade.

O erotismo carrega o potencial de expor hipocrisias, de escancarar os limites arbitrários do que é considerado aceitável, e de colocar em questão os discursos de controle sobre o corpo, o desejo e a sexualidade. Contudo, para enxergar além do caráter repugnante da obscenidade, é necessário um olhar crítico e aberto, capaz de ir além do desconforto inicial e perceber suas implicações mais amplas. Espíritos acomodados, por estarem presos ao conforto de suas convicções inabaláveis, tendem evitar essa análise mais profunda, pois ela exige uma disposição para questionar o *status quo* e para confrontar as próprias concepções do que é moral ou imoral, belo ou grotesco. A figura grotesca de Medusa simboliza profundamente o medo masculino diante do poder sexual feminino. Esse ‘poder’, ao ser visto como algo incontrolável e ameaçador, precisa ser dominado e neutralizado (Foucault, 2021). A transformação de Medusa em uma criatura abjeta é o primeiro passo nesse processo de controle, no qual “as mulheres no poder são vistas como tendo ultrapassado os limites ou se apossando de algo a que não tem direito” (Beard, 2018, p. 64), representando a tentativa de relegar o poder feminino ao campo da monstruosidade, daquilo que é diferente, perigoso e repulsivo.

Ao transformá-la em um monstro, a narrativa mitológica reflete a necessidade de desumanizar o feminino quando ele desafia os padrões patriarcais de submissão e passividade (Beauvoir, 1970). A decapitação de Medusa por Perseu, então, funciona como uma metáfora ainda mais profunda e simbólica: ao cortar a cabeça da Górgona, Perseu realiza uma espécie de “castração simbólica”, eliminando o poder que Medusa possuía sobre os homens, representado tanto por sua sexualidade quanto por sua capacidade de petrificar com o olhar. Mary Beard (2018, p. 77) afirma que “a cabeça de medusa, uma das três górgonas, é um dos maiores símbolos antigos do domínio masculino sobre os perigos destrutivos representados pela simples possibilidade do poder feminino”, esse ato final de violência, executado por um herói masculino, reafirma a hierarquia patriarcal, em que o poder feminino é neutralizado, silenciado e, finalmente, usado a serviço do próprio sistema que o teme. A cabeça decapitada

de Medusa, transformada em arma por Perseu, reforça essa ideia de apropriação e instrumentalização do corpo feminino, que é destruído para ser controlado. Assim, Medusa encarna não apenas o medo do desejo feminino, mas também a força com que o patriarcado se empenha em subjugá-lo, em um ciclo contínuo de repressão e violência

O erotismo de Medusa é, portanto, uma força incontrollável, carregada de uma energia que desafia as estruturas patriarcais e, por isso, é profundamente temida. Sua transformação em um monstro revela o esforço de domesticar esse poder erótico, que foge às normas de comportamento feminino aceitas e obedece a um impulso desafiador e subversivo. A imagem da Górgona, com seus cabelos de serpentes, é carregada de simbolismos fálicos, sugerindo uma sexualidade que não se submete à passividade ou controle masculino (Freud, 1940/1922)⁵. As serpentes, além de remeterem ao perigo e à traição, são símbolos de poder e fertilidade em várias culturas, o que no contexto de Medusa adquire uma conotação sexual predatória. Essa sexualidade, associada ao feminino monstruoso, ameaça a ordem masculina ao inverter as expectativas de submissão e contenção. Medusa, ao invés de ser uma figura desejável ou conquistável, torna-se uma entidade letal, e cujo olhar — tradicionalmente visto como uma ferramenta de objetificação masculina — torna-se uma arma que petrifica, destruindo aquele que ousa contemplá-la.

Assim, o erotismo de Medusa torna-se não apenas uma expressão de poder sexual, mas uma representação simbólica do confronto entre as energias femininas indomáveis e as tentativas patriarcais de controlá-las. A ameaça que Medusa representa à ordem masculina está no fato de que sua sexualidade não pode ser domada ou encaixada nas narrativas tradicionais de subjugação, e é justamente essa recusa em ser dominada que culmina em sua transformação e eventual destruição, consolidando, no imaginário coletivo, o medo do poder feminino não domesticado.

3 O patriarcado e a monstruosidade feminina

A internalização, por parte das mulheres, das normas e ideologias patriarcais que definem e perpetuam sua subordinação resulta em um processo de auto-vigilância e conformidade, no qual muitas acabam reproduzindo padrões opressores, limitando sua própria autonomia e reforçando as estruturas de poder que as oprimem. Em uma sociedade estruturada pelo patriarcado, as mulheres são motivadas desde cedo a aceitar a ordem de gênero que privilegia os homens, atribuindo-lhes qualidades positivas como racionalidade, força e liderança, enquanto as mulheres são frequentemente associadas a características negativas, como fraqueza, emotividade e dependência. Esse processo de socialização é tão profundo que muitas mulheres não apenas vivem sob essas regras, mas também as internalizam, reproduzindo-as em suas próprias concepções de si mesmas e de seu papel social Heleieth Saffioti (2015, p. 37) argumenta que

Entre as mulheres, socializadas todas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres, é pequena a proporção destas que não portam ideologias dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social.

⁵ FREUD, Sigmund. A cabeça de Medusa (1940/1922), tradução de Ernani Chaves (UFPA), 2013.

Tal afirmação chama atenção para o fato de que poucas mulheres conseguem romper com essas ideologias dominantes de gênero e questionar sua posição de inferioridade social. Isso se deve, em parte, à maneira como o patriarcado naturaliza e legitima a desigualdade de gênero, fazendo com que a opressão pareça uma consequência inevitável ou mesmo "natural" das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Ao serem condicionadas a acreditar em normas patriarcais que denominam que seu valor reside em sua conformidade aos papéis de esposa, mãe ou cuidadora, muitas mulheres acabam por reproduzir essas expectativas, seja de maneira consciente ou inconsciente.

Dessa forma, as Górgonas podem ser interpretadas como uma resposta cultural às ansiedades masculinas em relação ao poder feminino que desafia essas normas patriarcais. No contexto da mitologia grega, as Górgonas, especialmente Medusa, encarnam essa transgressão ao ideal feminino de passividade e submissão, sendo transformadas em símbolos de terror e repulsa. A demonização de figuras femininas poderosas, como as Górgonas, não é um fenômeno isolado, mas reflete uma tendência histórica de associar o poder feminino à ameaça e ao perigo (Saffioti, 2015). Ao retratar mulheres fortes e autônomas como monstros, a sociedade patriarcal constrói uma narrativa que justifica sua repressão e contenção, reforçando a ideia de que o poder feminino é algo a ser temido, controlado e, eventualmente, destruído.

Essa transformação simbólica de mulheres poderosas em criaturas monstruosas é uma estratégia de desumanização que serve para marginalizar e neutralizar a força que essas figuras representam (Beard, 2018). Ao atribuir características monstruosas a essas mulheres — como o olhar petrificante da Medusa e seus cabelos de serpentes — a narrativa patriarcal reduz a complexidade e a legitimidade de seu poder, simplificando-o como algo incontrolável e perigoso. O medo da sexualidade feminina que, muitas vezes, é vista como uma ameaça à ordem estabelecida, é central nesse processo de demonização. A mulher, cujo corpo e desejo representam autonomia e subversão, é reconfigurada como um ser monstruoso cuja destruição é não apenas permitida, mas necessária para restaurar a ordem.

A relação de poder entre os gêneros reflete sobre a forma como as relações sexuais são moldadas por um sistema de dominação que se estrutura a partir da divisão fundamental entre o masculino e o feminino. Pierre Bourdieu (2012, p. 31) afirma que

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação

Segundo essa perspectiva, o ato sexual não é simplesmente uma interação biológica ou de prazer, mas sim um reflexo direto de relações sociais de poder, que colocam o homem em uma posição ativa e dominante e a mulher em uma posição passiva e subordinada. Essa divisão de papéis não é natural, mas sim uma construção social, enraizada em uma lógica patriarcal que organiza o desejo de acordo com as dinâmicas de dominação e subordinação.

No contexto dessa estrutura, o desejo masculino é socialmente configurado como um desejo de posse e controle. A masculinidade, nessa concepção, afirma-se através da capacidade de dominar, seja em termos físicos, emocionais, seja sexuais. O desejo masculino,

assim, não é apenas a busca pelo prazer, mas a expressão de uma necessidade de afirmar poder sobre o corpo e a vontade da mulher (Bourdieu, 2012). Esse tipo de dominação erotizada se sustenta na ideia de que o homem deve ser o agente ativo, enquanto a mulher, ao contrário, é colocada em uma posição de receptividade e passividade, devendo submeter-se a esse poder masculino.

No caso de Medusa, ela passa de objeto de desejo — como bela sacerdotisa — a uma figura monstruosa que precisa ser eliminada, reforçando a ideia de que o poder feminino, quando ameaça o controle masculino, deve ser reprimido ou destruído. A decapitação de Medusa por Perseu simboliza a culminação desse processo, onde o controle masculino não apenas subjuga o corpo feminino, mas também o neutraliza violentamente, reforçando a noção de que a masculinidade se afirma pelo controle total sobre a mulher, seja por meio do desejo sexual ou da aniquilação simbólica de sua autonomia (Robles, 2019)⁶.

Além disso, a imagem de Medusa pós-transformação, com seu olhar petrificante e seus cabelos de serpente, representa uma inversão das dinâmicas tradicionais de poder. Medusa, agora, possui uma forma de poder sobre os homens — seu olhar pode transformá-los em pedra, desafiando o controle masculino. No entanto, em vez de esse poder ser aceito ou valorizado, ele é visto como monstruoso e precisa ser eliminado. Esse processo reflete o que Bourdieu (2012) descreve sobre o desejo feminino, que moldado para a submissão, não pode existir fora dos padrões patriarcais sem ser percebido como uma ameaça a ser controlada ou destruída⁷. Medusa, ao se tornar incontrolável, precisa ser morta, reafirmando o princípio de que a masculinidade se consolida pela destruição da independência feminina.

4 Interpretação contemporânea: Medusa como símbolo de resistência

A imagem de Medusa tem sido reinterpretada, nas últimas décadas, por movimentos feministas como um poderoso símbolo de resistência e empoderamento feminino. Tradicionalmente, Medusa foi retratada como uma criatura monstruosa e aterrorizante. No entanto, essa narrativa, que a posiciona como um objeto de medo e punição, reflete uma perspectiva patriarcal, onde as mulheres que transgridem as normas são demonizadas e silenciadas. Ao reavaliar o mito sob uma ótica feminista, Medusa emerge como uma figura de rebeldia contra a opressão, uma mulher que, ao ser violentada e transformada, não se conforma com a submissão ou a passividade que o patriarcado exige.

Susan Bowers (1990, p. 217) explica, em seu texto *Medusa and The female gaze* [Medusa e o Olhar feminino⁸] que

a imagem mítica da Medusa tem funcionado como uma lente de aumento para refletir e focalizar o pensamento ocidental em relação às mulheres, incluindo a forma como as mulheres pensam sobre si mesmas [...] Medusa evoluiu na cultura patriarcal e um relatório sobre como as artistas contemporâneas estão se voltando para essa imagem matriarcal em busca de inspiração e empoderamento. Essas artistas demonstram como a mesma

⁶ as górgonas (...) simbolizam o inimigo que deve ser vencido (Robles, 2019, p. 90).

⁷ os laços entre a sexualidade e o poder se desvelam de maneira particularmente clara, e as posições e os papéis assumidos nas relações sexuais, ativos ou passivos principalmente, mostram-se indissociáveis das relações entre as condições sociais que determinam, ao mesmo tempo, sua possibilidade e sua significação. (Bourdieu, 2012, p.31)

⁸ Título: Tradução Nossa.

imagem que foi usada para oprimir as mulheres também pode ajudar a libertá-las.⁹

A autora destaca a maneira como a figura mítica de Medusa tem sido utilizada para refletir questões profundas sobre o papel das mulheres na cultura ocidental, especialmente em relação às construções patriarcais e à percepção que as próprias mulheres têm de si. A imagem de Medusa, ao longo da história, foi moldada dentro de uma cultura patriarcal, onde ela era vista como um símbolo de medo, perigo e punição — características tradicionalmente atribuídas a mulheres que não se conformavam às normas estabelecidas pelo patriarcado. Assim, Medusa funcionou como uma metáfora poderosa para o modo como as mulheres eram — e ainda são — retratadas e tratadas: como ameaças ou anomalias a serem controladas e neutralizadas.

Portanto, ao ser projetada em um contexto contemporâneo, a imagem de Medusa que antes representava o medo da mulher incontrolável, agora é compreendida como um ícone de força, resistência e autonomia feminina (Bowes, 1990). Ao resgatar essa imagem matrilinear, as artistas contemporâneas estão subvertendo a narrativa patriarcal que a aprisionava, mostrando que a mesma figura usada para reprimir as mulheres pode ser ressignificada e utilizada como um símbolo de libertação e autosuficiência. Essa ressignificação torna Medusa um ícone de autonomia e resistência, alguém que enfrenta as consequências de sua recusa em se submeter. Ao invés de apenas um monstro que precisa ser derrotado (Robles, 2019), Medusa passa a simbolizar todas as mulheres que desafiam as estruturas opressivas e pagam um preço por sua insubordinação, sendo injustamente punidas ou marginalizadas.

Com o simbolismo de sua imagem, Medusa se torna um ícone de resistência, uma vez que

a Medusa e mulheres como ela - que não são propriedade do patriarcado - são vítimas ideais. Destruí-las não desafia os direitos de propriedade masculinos e não prejudica as mulheres que servem a uma sociedade patriarcal. O sacrifício das Medusas permite a expressão comunitária masculina de raiva e violência que o eros e o poder feminino provocam. Embora o assassinato da Medusa seja simbólico e nenhum sangue real seja derramado, o impacto de seu assassinato simbólico é profundo tanto para as mulheres quanto para os homens, pois demonstra a tentativa de destruição do verdadeiro poder feminino (Bowers, 1990, p. 225).¹⁰

A afirmação de que Medusa e mulheres como ela "não são propriedade do patriarcado" indica que essas figuras representam uma ameaça à ordem patriarcal, pois não se conformam com os papéis tradicionais de submissão e obediência (Beauvoir, 1970). Ao serem

⁹ "Medusa's mythical image has functioned like a magnifying mirror to reflect and focus Western thought as it relates to women, including how women think about themselves [...] Medusa has evolved in patriarchal culture and a report on how contemporary women artists are turning to this matriarchal image for inspiration and empowerment. These artists demonstrate how the same image that has been used to oppress women can also help to set women free." Todas as traduções de Bowers (1990) são de nossa responsabilidade.

¹⁰ "Medusa and women like her-not owned by the patriarchy-are ideal victims. Destroying them does not challenge male property rights and does not damage those women who serve a patriarchal society. Sacrifice of Medusa-women enables the male communal expression of anger and violence that female eros and power provoke. Whereas Medusa's slaughter is symbolic, and no actual blood is spilled, the impact of her symbolic murder is profound for both women and men since it demonstrates the attempted destruction of real female power".

vistas como figuras incontroláveis e autônomas, elas se tornam alvos para a violência e a punição, sem que isso represente uma ameaça direta às mulheres que aceitam ou estão integradas ao sistema patriarcal, que, de alguma forma, se beneficiam da adesão às suas normas.

O sacrifício de Medusa serve a uma função social importante: ele proporciona uma válvula de escape para a raiva e violência masculina provocadas pelo poder feminino que desafia o controle masculino. A força e autonomia representadas por Medusa – simbolizadas por sua aparência e seu olhar petrificante – ameaçam o domínio patriarcal, que se baseia em manter as mulheres sob controle. Portanto, ao destruí-la, a sociedade patriarcal reafirma seu poder e sua capacidade de suprimir o que não consegue dominar. Mesmo que o assassinato de Medusa seja simbólico, ou seja, não envolva derramamento de sangue literal, ele tem consequências profundas. Simbolicamente, representa a tentativa de erradicar o poder feminino verdadeiro, autônomo e desafiador. O impacto desse "assassinato simbólico" é significativo tanto para homens quanto para mulheres. Para os homens, isso reafirma sua posição dominante, legitimando a expressão de sua violência contra mulheres que não se conformam (Foucault, 2021). Para as mulheres, porém, o efeito é devastador: a destruição de Medusa transmite a mensagem de que mulheres fortes, independentes e desafiadoras devem ser silenciadas ou eliminadas.

Sob esta perspectiva, o mito das Górgonas e de Medusa tradicionalmente perpetua a ideia de que o poder feminino é uma ameaça que precisa ser controlada. Esse controle se dá não apenas pela violência física, mas também pela violência simbólica, que silencia e reprime a autonomia feminina para garantir a manutenção da ordem patriarcal. Com as releituras contemporâneas, essas figuras monstruosas, antes temidas, são ressignificadas como símbolos de resistência e denúncia. Nessa nova perspectiva, Medusa representa as vítimas de uma sociedade que as marginaliza e as exclui por se recusarem a se submeter às normas impostas. Ao serem transformadas em monstros pela mitologia patriarcal, essas figuras denunciam o processo de exclusão e desumanização que as mulheres enfrentam quando desafiam o domínio masculino.

Conclusão

O estudo das Górgonas na mitologia grega revela como o patriarcado molda e controla a sexualidade e o poder feminino, utilizando a figura do monstro como uma forma de repressão. Medusa, Euríale e Esteno são representadas como criaturas temidas e demonizadas, especialmente Medusa, cuja capacidade de transformar em pedra com o olhar é uma metáfora para o temor masculino diante do erotismo e da autonomia das mulheres. O mito reflete a tentativa patriarcal de neutralizar essa força feminina por meio da violência e da monstruosidade, projetando nas Górgonas a ideia de que o poder sexual e independente da mulher é algo perigoso, que precisa ser domesticado ou destruído.

Além disso, a maneira como Medusa é retratada nas narrativas mitológicas revela as dinâmicas de poder subjacentes às relações entre os gêneros. O medo do que é considerado “monstruoso” na feminilidade — o desejo, a autonomia e a força — é uma manifestação da necessidade patriarcal de manter a ordem e a subordinação feminina. Assim, o mito não apenas reflete ansiedades sociais sobre a sexualidade, mas também serve como um meio de controle, perpetuando a ideia de que a mulher deve ser vista como objeto e não como sujeito.

Ao ressignificar as Górgonas, especialmente Medusa, como símbolos de resistência, essas figuras podem ser vistas sob uma ótica de empoderamento. Em vez de serem apenas monstros, elas representam mulheres que enfrentam o sistema patriarcal e, por isso, são transformadas em criaturas terríveis aos olhos desse sistema. A capacidade de petrificar, por exemplo, pode ser lida como um ato de autodefesa, um poder que impede os homens de as controlarem ou violentarem. Assim, Medusa, Euríale e Esteno deixam de ser apenas vítimas ou vilãs e passam a ser vistas como ícones de resistência, que encarnam a força e a autonomia feminina.

Essa releitura permite que essas personagens mitológicas sejam vistas como símbolos de poder, desafiando as narrativas de submissão e medo que a cultura patriarcal impõe sobre as mulheres. Ao resgatar essas figuras como ícones de resistência, as interpretações contemporâneas transformam o mito em uma ferramenta de denúncia das opressões patriarcais e de exaltação da força feminina. O mito das Górgonas, assim, deixa de ser apenas uma história de terror para se tornar um espelho da luta contra as estruturas de poder que tentam reprimir a sexualidade e a autonomia das mulheres.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOWERS, Susan R. **Medusa and the Female gaze**. NWSA Journal: Spring, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4316018>. Acesso em 07 de out. 2024.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. 35ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 8º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 2. Ed. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras 2012..

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução: DIAS, Domingos Lucas. 1º Ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. São Paulo: Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e violência.** 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.